

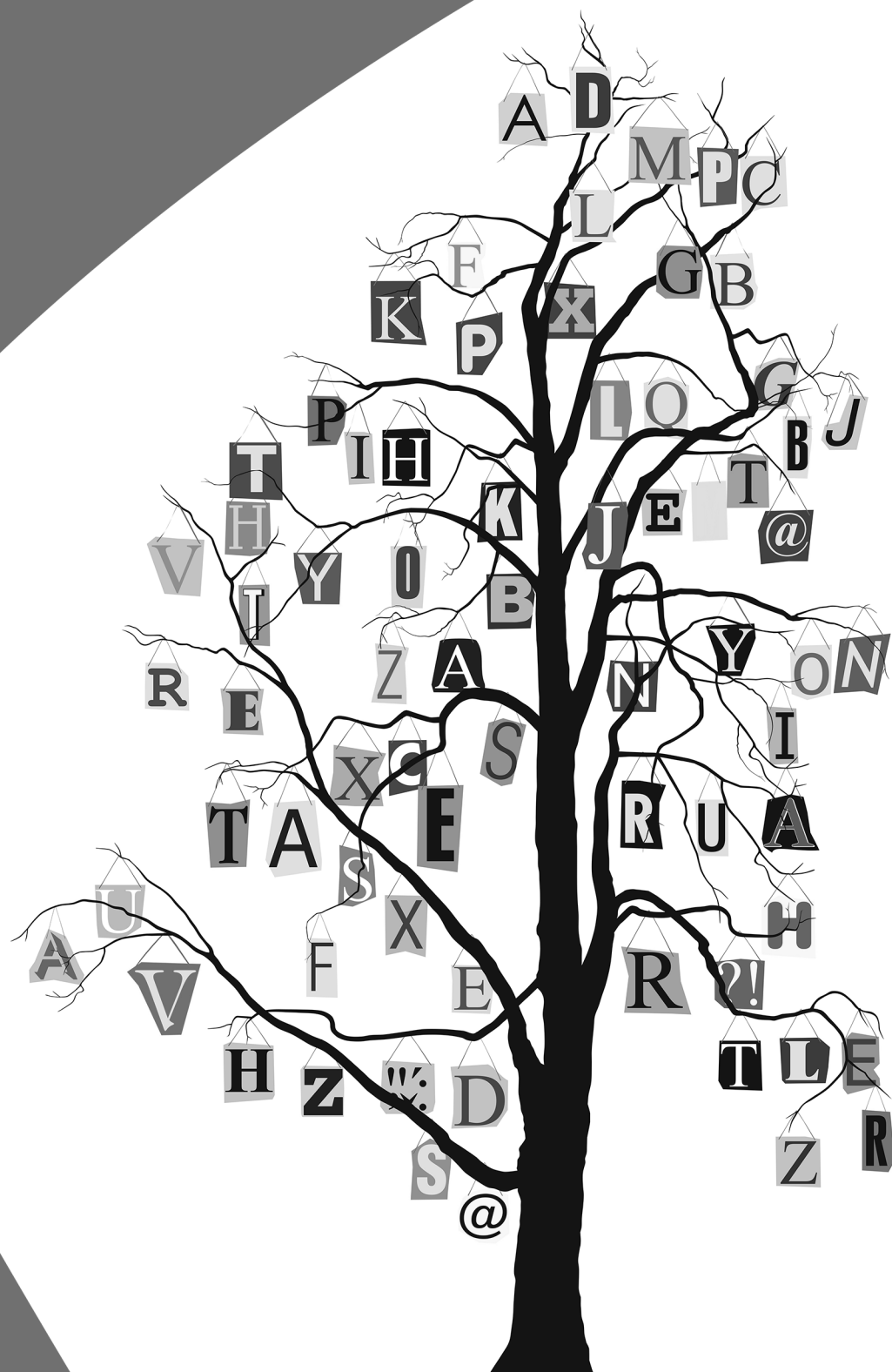
(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



(In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
159	<p>(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86002-18-8 DOI 10.22533/at.ed.188202802</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste e-book as reflexões giram em torno dos estudos voltados para as áreas da linguística, da literatura e das artes. Não é uma obra, unicamente, composta por estudos e investigações linguísticas, tampouco destinadas somente ao fazer literários e ao estudo das artes. Estas reflexões são constituintes de uma coletânea plural das ideias e dos conhecimentos que aqui se apresentam, assim como devem ser todas as investigações que têm o ser humano como principal agente de problematizações e soluções.

Os trinta e três capítulos que dão formatos e sentidos à obra estão no mesmo patamar das propostas em que é valorizada cada forma como os seus autores se debruçam sobre seus escritos, suas análises e suas investigações, denotando que o ser humano é, por excelência, um sujeito que está envolvido e inserido na linguagem para entender outros contextos comunicativos, poéticos, estéticos e discursivos.

Todos os capítulos são necessários e imprescindíveis para a efetivação desta obra, pois felizes e ousados são os autores que se propuseram a demonstrar como os diferentes conhecimentos estão sendo formulados e construídos nos diferentes contextos de realização da linguagem.

Em cada capítulo a presença das marcas singulares é latente, porque a linguística utiliza-se da literatura e da arte para criar seus objetos de investigação, análise, estudo, problematização e de construção de sentidos, visto que é na linguagem que os questionamentos podem tomar formas em propostas e sugestões. Assim como a literatura se utiliza da arte, a arte refaz o mesmo caminho da literatura e da linguística, mas de maneira mais singular, porque cumpre a nobre missão de nos encantar.

As (in) subordinações semânticas que compõem esta obra se justificam pela diversidade de conhecimentos e de saberes estruturados contidos em cada parte deste e-book. Entendê-las e construir pontes dialógicas na formação cognitiva do sujeito são algumas das funções dos trinta e um capítulos que formatizam as ideias lançadas nesta coletânea plural.

Assim, todos os autores que aqui se propuseram, fazem votos de que os leitores, principais interlocutores desta obra, encontrem as respostas para seus questionamentos e, mais ainda, sejam capazes de elaborar outras questões na criação de possibilidades que se estabelecem em uma cadeia interconectada de saberes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS EXAMES DE PROFICIÊNCIA DAS UNIVERSIDADES DE SANTA CATARINA	
Cassiane Lemes Batista Tadinei Daniel Jacumasso	
DOI 10.22533/at.ed.1882028021	
CAPÍTULO 2	10
A LINGUAGEM DOS PERIÓDICOS DE ÉPOCA, EM TORNO À ESCRAVIDÃO	
Maria Lucia Mexias-Simon	
DOI 10.22533/at.ed.1882028022	
CAPÍTULO 3	18
LETRAMENTOS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO DISCURSO À PRÁTICA	
Indionara de Matos Márcia Adriana Dias Kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028023	
CAPÍTULO 4	32
LETRAMENTOS MULTISSEMIÓTICOS: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Ana Paula Domingos Baladeli	
DOI 10.22533/at.ed.1882028024	
CAPÍTULO 5	43
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE GRAMÁTICA E GÊNEROS DE TEXTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1882028025	
CAPÍTULO 6	65
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Hávila Sâmua Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1882028026	
CAPÍTULO 7	74
PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA COMPREENSÃO AUDITIVA EM LÍNGUA INGLESA VIA <i>MOODLE</i>	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.1882028027	

CAPÍTULO 8	85
TRABALHANDO A ORALIDADE ATRAVÉS DA MÍDIA PODCAST NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sidinei Mateus Schmidt Fabiana Diniz Kurtz Taíse Neves Possani	
DOI 10.22533/at.ed.1882028028	
CAPÍTULO 9	93
MONITORIA DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE: LETRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS SOCIAIS	
Pamela Tais Clein Capelin Márcia Adriana Dias kraemer	
DOI 10.22533/at.ed.1882028029	
CAPÍTULO 10	105
RÁDIO NA FEIRA: DISCURSO E ORALIDADE NO VIÉS DA LITERATURA	
Darlise Vaccarin Fadanni	
DOI 10.22533/at.ed.18820280210	
CAPÍTULO 11	117
CONCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA APLICADA EM UM PROJETO DE CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO	
Daniele Santos Rocha Emerson Tadeu Cotrim Assunção Juliana Alves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.18820280211	
CAPÍTULO 12	128
UMA VISÃO SOBRE OS GÊNEROS LITERÁRIOS AO LONGO DA HISTÓRIA	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.18820280212	
CAPÍTULO 13	150
TRAVERSAS ÉTICO-POLÍTICAS: ESTUDOS EM ATUAÇÃO	
Tânia Tiemi Ikeoka	
DOI 10.22533/at.ed.18820280213	
CAPÍTULO 14	163
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS OBRAS <i>SIMÃO DIAS</i> E <i>O CORTIÇO</i> , NAS PERSONAGENS LUISA, DO CARMO E POMBINHA	
Rosa Gabriely Monteiro Fontes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280214	
CAPÍTULO 15	173
A SERIEMA, A CIDADE E A MULHER NA POÉTICA DE APARECIDO ALVES MACHADO	
Erick Vinicius Mathias Leite Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280215	

CAPÍTULO 16	193
SUBORDINAÇÃO E SUBALTERNIDADE DA MULHER INDÍGENA EM <i>CRIADA</i> (2009), DE MATÍAS HERRERA CÓRDOBA	
Larissa Natalia Silva Rosangela Schardong	
DOI 10.22533/at.ed.18820280216	
CAPÍTULO 17	206
PROTAGONISMO FEMININO NO CÁLIX DE VINHO DE JULIANA	
Jeane de Cássia Nascimento Santos Antonio Marcos dos Santos Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.18820280217	
CAPÍTULO 18	217
MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE NO ROMANCE <i>UM DEFEITO DE COR</i> , DE ANA MARIA GONÇALVES	
Ramon Rocha Ribeiro Cristian Souza de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.18820280218	
CAPÍTULO 19	232
ANÁLISE DA CARGA NEGATIVA DA SOMBRA NA <i>MISE-EN-SCÈNE</i> DO CINEMA EXPRESSIONISTA	
Juan Francisco Celín Robalino	
DOI 10.22533/at.ed.18820280219	
CAPÍTULO 20	247
O MALANDRO NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO	
Victória Nantes Marinho Adorno Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.18820280220	
CAPÍTULO 21	259
QUE FOGO NOS TRAZ ESSE PROMETEU MODERNO: AS TRÊS FASES DA ESCRITA FEMININA DE ELAINE SHOWALTER EM <i>FRANKENSTEIN</i> DE MARY SHELLEY	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macêdo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280221	
CAPÍTULO 22	270
INOVAÇÃO EDUCACIONAL: O FENÔMENO DA TRANSMÍDIA NA VIDA ESCOLAR DOS JOVENS DE BREVES-PA, ILHA DO MARAJÓ	
Valéria de Oliveira Pena Borges Bruno Diego Fernandes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.18820280222	

CAPÍTULO 23	275
MÚSICA, ALFABETIZAÇÃO E FOLCLORE: POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES	
Cibele Machado Maier Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280223	
CAPÍTULO 24	283
O CORPO EM <i>BREATH, EYES, MEMORY</i> : DESLOCAMENTO,TRAJETÓRIAS E POSICIONAMENTOS	
Juliana Borges Oliveira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.18820280224	
CAPÍTULO 25	293
PENSANDO O CORPO CÔMICO NA DANÇA	
Diego Mejia Neves Clara Gouvêa do Prado Leonardo Birche de Carvalho Mariana dos Reis Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.18820280225	
CAPÍTULO 26	300
DESAFIOS DO LICENCIADO EM DANÇA:DA GRADUAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO	
Juliana Ramos Buçard do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280226	
CAPÍTULO 27	304
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: DANÇA E REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA INFANTIL	
Maria Fernanda Silva Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.18820280227	
CAPÍTULO 28	316
ELO: LEGADO CULTURAL CAPIXABA	
Camila Honorio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.18820280228	
CAPÍTULO 29	324
CAMINHOS DA PRESENÇA: COM-SENTINDO OUTRAS/OS BAILARINAS/OS POSSÍVEIS	
Daniela Isabel Kuhn Juliana Maria Greca	
DOI 10.22533/at.ed.18820280229	
CAPÍTULO 30	337
DANÇA E CONHECIMENTO: FORMULAÇÕES OU INSURGÊNCIAS DO AGORA	
Márcia Virgínia Mignac da Silva Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.18820280230	

CAPÍTULO 31	349
DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E DE MATRIZ AFRICANA: A ABP E UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Joana Maria Santana Torres	
DOI 10.22533/at.ed.18820280231	
CAPÍTULO 32	364
ESPAÇO URBANO, RESISTÊNCIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA ACERCA DA APROPRIAÇÃO DA CIDADE	
Leandro Souza Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18820280232	
CAPÍTULO 33	384
REVITALIZAÇÃO DE ÁREAS PÚBLICAS: DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDEOLÓGICAS DE HIGIENIZAÇÃO SOCIAL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Letícia Leal Lima	
DOI 10.22533/at.ed.18820280233	
SOBRE O ORGANIZADOR	399
ÍNDICE REMISSIVO	400

MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE NO ROMANCE *UM DEFEITO DE COR*, DE ANA MARIA GONÇALVES

Data de aceite: 18/02/2020

Ramon Rocha Ribeiro

Pós-graduado em Literatura e Cultura. (Faculdade Educacional da Lapa, FAEL, Polo – Irecê, Brasil – 2019). Graduado em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. (Universidade do Estado da Bahia, UNEB, DCHT Campus XVI - Irecê, Brasil - 2019). Graduando em Sociologia. (Faculdade Uniasselvi, Polo – Irecê, Brasil – 2019). Jussara – Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8697575967387465>. Email: ramonzito.rocha@gmail.com

Cristian Souza de Sales

Possui graduação em Letras Vernáculas com Espanhol pelo Centro Universitário Jorge Amado (2003). Graduação em Letras com Inglês pelo Centro Universitário Jorge Amado (2005). Especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal da Bahia (2006). É Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens-PPGEL/UNEB (2011). É Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, na linha de pesquisa Estudos de Teorias e Representações Literárias e Culturais, da Universidade Federal Da Bahia (UFBA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3663292229070191>. Email: crissaliessouza@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar como as categorias da memória, história e da

ancestralidade negro-africana são agenciadas na obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2014). No enfrentamento das narrativas oficiais contidas na historiografia brasileira, as vivências de uma ex-escravizada de nome Kehinde produzem fortes tensões sobre os sistemas de representação que sempre buscaram homogeneizar e uniformizar os cenários nacionais, além de produzir apagamentos e silenciamentos nas vozes que ecoariam no pano de fundo do projeto de construção de uma nação. Na obra, a memória e a história que surgem entrelaçadas à perspectiva da ancestralidade negro-africana durante o percurso da personagem-protagonista, apresentam novos elementos que desestabilizam o discurso nacional hegemônico que sempre se posicionou como um todo coerente e coeso. O retorno às raízes africanas possibilitam a produção de memórias que foram silenciadas durante o curso histórico e que ganham outras versões a partir das fraturas produzidas pelo discurso diaspórico de Kehinde, de modo a romper com o silêncio secular de suas vivências. Dessa forma, para fins de construção dos nossos argumentos, utilizaremos como referenciais teóricos: Benjamin (1987), Pollak (1989), Bhabha (1998), Hall (2002), Oliveira (2007), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura negra. Memória. História. Ancestralidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze how the categories of black African memory, history and ancestry are broached in Ana Maria Gonçalves's, *Um defeito de cor* (2014). In confronting the official narratives contained in Brazilian historiography, the experiences of an ex-slave girl named Kehinde produce strong tensions over representation systems that have always sought to homogenize and standardize national scenarios, as well as to erase and silence the voices that would echo in the cloth of nation building project. In the work, the memory and history that emerge intertwined with the perspective of black African ancestry during the protagonist character's path, present new elements that destabilize the hegemonic national discourse that has always positioned itself as a coherent and cohesive whole. The return to African roots makes possible the production of memories that were silenced during the historical course and that gain other versions from the fractures produced by Kehinde's diasporic discourse, in order to break with the secular silence of their experiences. Thus, for the purpose of constructing our arguments, we will use as theoretical references: Benjamin (1987), Pollak (1989), Bhabha (1998), Hall (2002), Oliveira (2007), among others.

KEYWORDS: Black literature. Memory. Story. Ancestry.

1 | INTRODUÇÃO

Para os brancos fiquei sendo a Luísa, Luísa Gama, mas sempre me considerei Kehinde. O nome que a minha mãe e a minha avó me deram e que era reconhecido pelos voduns, por Nanã, por Xangô, por Oxum, pelos Ibêjis e principalmente pela Taiwo. Mesmo quando adotei o nome de Luísa por ser conveniente, era como Kehinde que eu me apresentava ao sagrado e ao secreto. (GONÇALVES, 2014, p. 73).

A memória como prática seletiva de fatos e acontecimentos não somente como ferramenta de armazenamento de dados, torna-se um importante dispositivo (aos modos foucaultianos) de controle e de dominação dentro do projeto de construção de uma nação. Sua utilização decorre da necessidade de selecionar as lembranças que deverão circular pelos espaços de poder, permitindo que haja a instauração de uma norma que regerá toda a disseminação dessa memória para as gerações futuras.

A memória, então, cria um jogo discursivo que monitora toda a produção de saberes, vigiando os seus reflexos e controlando todas as difusões de práticas que destoem do modelo institucionalizado. Entretanto, a memória não conseguirá construir essa teia ideológica sozinha. Para alcançar a completa dominação, ela necessita da aliança com a História.

A história aqui será entendida como ferramenta que sustenta a criação de espaços ideológicos que legitimam e deslegitimam discursos, culturas, sujeitos, etc.

É seu papel proporcionar as condições necessárias para que tenhamos a circulação e posterior aceitação das ideologias que serão ratificadas e disseminadas pelos discursos hegemônicos.

Contudo, se há a seleção para aqueles que deverão compor o retrato oficial de uma nação, conseqüentemente, teremos exclusões e silenciamentos daqueles que não atenderão aos padrões de exigências dos “sistemas de representação”.

Buscando direcionar o olhar para refletir não só os atritos, mas, também as contribuições das identidades negro-africanas para a formação do povo brasileiro é que o Romance *Um defeito de cor*, da escritora mineira Ana Maria Gonçalves (2014), nos permitirá pensar a existência dessas tensões dentro do processo histórico-cultural que nos constitui enquanto material ideológico.

Como resultado desse partejar, abre-se a possibilidade de costurar um (re) encontro com as raízes africanas por meio do resgate afetivo da memória ancestral, que se dá a partir das memórias subterrâneas de Kehinde (personagem principal da obra) durante o transcorrer da narrativa.

Dessa forma, buscamos compreender como a memória, história e ancestralidade negro-africana quando agenciadas dentro da obra, conseguem apresentar novos elementos que, tanto descaracterizam o discurso oficial hegemônico a partir do prisma da desconstrução dos sistemas de representação impostos sobre os corpos da população negra, quanto possibilitam a costurada de um espaço afetivo de (re) conexão com a ancestralidade negra. De tal modo, para fins de construção dos nossos argumentos, utilizaremos como referenciais teóricos: Benjamin (1987), Pollak (1989), Bhabha (1998), Hall (2002), Oliveira (2007), entre outros.

2 | DE CORPO: MEMÓRIA, DESTINO E DESVIOS

Aprendemos também as primeiras palavras em português, uma língua que desde o início me pareceu uma música suave, com as palavras cantadas e muito bonitas. (GONÇALVES, 2014, p. 64).

O desvio recebe o nome de “serendipidade”. Chamando atenção para o conflito que seu título provoca, *Um defeito de cor*, publicado em 2014, captura o leitor e o faz avançar sobre o volume de 951 páginas nas quais, possibilitam um encontro inesquecível com a saga de uma ex-escravizada que narra, em primeira pessoa, suas vivências, suas angústias e seus sofrimentos.

Ana Maria Gonçalves é quem assina o romance. Nascida na cidade de Ibiá em Minas Gerais no ano de 1970 cursou Publicidade e Propaganda, trabalhando na área até 2001, quando começou a escrever no blog *Udigrudi*. Incentivada por seus leitores internautas, a autora com recursos próprios, publica seu primeiro trabalho

intitulado *Ao lado e à margem do que sentes por mim* (2002), cujo enredo mistura ficção e realidade.

Em 2002, mudou-se de São Paulo para a Ilha de Itaparica, na Bahia (atendendo a um convite informal de Jorge Amado), onde começou a histórica pesquisa que resultou em *Um defeito de cor*, lançado em 2006 pela editora Record, sendo coroado em 2007 com o prêmio do festival de Las Américas.

Um defeito de cor traz as memórias de sua personagem principal Kehinde, uma ex-escravizada que na maturidade e experiência de seus quase oitenta anos, narra a história de sua vida. Nessa obra, Ana Maria Gonçalves através da personagem-protagonista consegue destacar importantes episódios históricos que narram/contam a vida nacional e que se encontram imbricados no jogo anacrônico das memórias.

O próprio romance é construído nos moldes da pulsação e lapsos da própria memória: em idas e vindas, como uma busca intermitente. Nessa reconstituição do seu passado, a narradora apresenta quase um século de Brasis e Áfricas que foram sendo contados e recontados.

Desse modo, é apresentado ao leitor o percurso de Kehinde por dois continentes e várias cidades (Savalu, Uidá, Ilha de Itaparica, Salvador, São Luís, Recôncavo Baiano, Santos, São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro, Uidá, Lagos). Longas distâncias são transpostas facilmente justapostas pela ação da memória. O espaço da narrativa compreende África, Brasil e o Oceano Atlântico que separa esses dois territórios.

O romance tem início em Savalu, reino de Dahomé, no ano de 1810 com o nascimento de Kehinde. Uma menina negra que passa os primeiros anos de sua vida com a mãe, a avó, o irmão e a irmã gêmea, Taiwo, com quem acredita dividir a alma por serem *Ibêji* (ou seja, gêmeas). Até que um grupo de guerreiros africanos invade a casa da sua avó para roubar e, por acaso, descobrem que ela cultua os voduns.

Observamos nesse momento a primeira tensão produzida pela narrativa. O narrador-personagem de forma bastante sutil, apresenta-nos um elemento perturbador às sólidas bases do nosso imaginário que é a descaracterização da ideia de uma África homogênea e uniforme em seus aspectos religiosos, conforme é possível ler no fragmento exposto:

Os guerreiros já estavam de partida quando um deles se interessou pelo tapete da minha avó e conheceu alguns símbolos de Dan. Ele tirou o tapete das mãos dela e começou a chamá-la de feiticeira, enquanto outro guerreiro apontava a lança para o desenho da cobra que engole o próprio rabo que havia, mais sugerida do que desenhada, na parede acima da entrada da nossa casa. (GONÇALVES, 2014, p. 21-22).

A partir da ação pulsante de suas memórias, a personagem faz emergir um

desconforto proporcionado pela descaracterização (até certo ponto mítica) de uma África livre de enfrentamentos políticos, culturais, religiosos, dentre outros. A ruptura dessa orientação possibilita a construção de sentidos que diferem daquelas orientadas *a priori*.

A própria noção de unicidade se desfaz quando observamos a diversidade religiosa presente no território africano, conforme lemos no fragmento exposto acima. No processo de escravização de negros por brancos, foi utilizado o aspecto religioso como escudo (máscara) para encobrir ou disfarçar os verdadeiros interesses dos colonizadores. Davam, assim, a impressão de uma preocupação sócio-religiosa com o intuito de livrá-los da selvageria e do paganismo.

Atualmente, existem vários tipos de rituais e práticas religiosas na África, além de grande influência das crenças dos antigos indígenas africanos. As religiões no continente estão distribuídas em mulçumanos, cristãos, religiões tradicionais africanas, além dos seguidores das igrejas independentes.

Há uma grande diversidade religiosa proveniente das classificações dos povos que viveram e que vivem na África, assim como são diversas as práticas culturais, a música, a comida, etc. Na África do Norte as religiões predominantes são o cristianismo e o islamismo, na África do Sul estão as religiões tradicionais, embora exista uma minoria que pratique o cristianismo, islamismo e hinduísmo.

A religião tradicional é composta pelo real, ou material e pelo invisível, espiritual. Assim, esses dois aspectos se comunicam, os dois são importantes dentro dessa crença. Esta religião tem como sinônimo, no Brasil, o candomblé, consistindo no culto aos Orixás, que são considerados deuses.

Entretanto, por mais diverso que possa ser o continente africano, recai sobre si um sistema de representação que sempre buscou minimizar a sua pluralidade cultural. As estratégias que emergem desse jogo discursivo, anulando a produção de “alteridades”, buscam tornar os corpos dóceis, passivos de dominação e subjugação. (BHABHA, 1998, p. 105).

Para Stuart Hall (2002, p. 51) em *A identidade cultural na pós-modernidade*, as culturas nacionais como “comunidades imaginadas”, acabam ilustrando o sujeito como conjunto de fragmentos de suas identidades culturais. Para o autor, esta noção unificadora da cultura nacional se torna totalmente questionável, segundo lemos a partir da sua voz:

[...] As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. (HALL, 2002, p. 50-51).

Ao criar esses sistemas de representação que buscam unificar todo o imaginário a partir de aspectos homogêneos, o discurso que circula acaba despertando produções que irão mediar toda construção de sentidos no entorno do sentimento de pertença, daquela consciência que une e engendra povos dentro de uma forma de identificação coletiva.

Embora diversos, o discurso nacional tenta unificá-los. Não irá importar o quão diferente seus membros possam parecer em termos de classe, gênero ou raça, “uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”. (HALL, 2011, pp. 59-60).

Desenraizando-se desse sentimento que unifica os sujeitos, a avó de Kehinde após o incidente, parte com ela e a irmã para o litoral, onde acabaram sendo raptadas e presas como mercadoria para serem vendidas no Brasil. Ao desembarcar sozinha tendo perdido o que restava de sua família (a avó e a irmã) na viagem, a jovem criança é vendida como escrava em solo brasileiro.

Como dama de companhia de uma sinhazinha da sua idade, ela aproveita as aulas particulares desta e aprende a ler e a escrever na língua portuguesa, produzindo assim o primeiro grande rompimento em seu destino (e no fluxo histórico), visto que, não era permitido a um negro ter acesso à escrita e à leitura. Dessa compra, surge uma segunda violência sexual provocado pelo senhor de escravos que resultará no seu primeiro filho, que recebe o nome de Banjokô. De acordo com a narradora, podemos observar essa questão a seguir:

[...] o sinhô José Carlos me derrubou na esteira, com um tapa no rosto, e depois pulou em cima de mim com o membro já duro e escapando pela abertura da calça, que ele nem se deu ao trabalho de tirar. Eu encarava os olhos mortos do Lourenço enquanto o sinhô levantava a minha saia e me abria as pernas com todo o peso do seu corpo, para depois se enfiar dentro da minha racha como se estivesse sangrando um carneiro. [...] Eu queria morrer, mas continuava mais viva que nunca, sentindo a dor do corte na boca, o peso do corpo do sinhô José Carlos sobre o meu e os movimentos do membro dele dentro da minha racha, que mais pareciam chibatadas. (GONÇALVES, 2014, p. 171).

A cena que se apresenta, funciona como pano de fundo para acontecimentos corriqueiros praticados pelos donos de escravos durante o período colonial. A partir dos relatos da personagem, emerge a memória de quem sofreu não somente com a violência sexual, mas acima de tudo, com o desrespeito enquanto ser humano.

Tornou-se comum os donos de escravos submeterem todos às suas vontades e caprichos, e ao se envolver promiscuamente com as suas escravizadas, moralista como era e com a consciência deturpada, acabavam transferindo o seu desvio de caráter e perversão sexual à suposta lascividade da raça negra.

Entretanto, para além da simples satisfação das taras sexuais dos senhores de engenho, dos filhos e dos cupinchas desses, muitas dessas mulheres eram

engravadas para servir de ama de leite aos filhos das sinhás e seus filhos servirem de mão de obra escravizada para seu senhor, conforme lemos o fragmento que destacamos.

Portanto, o discurso colonial hegemônico fixa sobre o corpo da população negra um sistema de representação ambivalente que submete os sujeitos a formas cristalizadas de reconhecimento. Essa autenticidade imagética é forjada através da caracterização depreciativa desses corpos que, aos serem comparados com corpos advindos de outro tronco genético (branco), foram taxados de inferiores, incapazes e incivilizados.

Criam-se, então, formas de representação que tentam objetificar (tornar o outro objeto) o corpo negro. O estereótipo, disseminado pelo discurso colonial recai sobre a população negra de maneira a suturar, nesse corpo-objeto, uma semiótica que os colocam dentro de um padrão que faz com que permaneçam submissos aos controles opressores dos sistemas eurocêntricos. O colonizado é apresentado como uma população degenerada, e com bases em teorias raciais, o colonizador justifica a conquista de uma nação em todos os seus aspectos sociais e culturais.

Em *O local da cultura*, Homi Bhabha (1998) destaca o estereótipo como principal estratégia de conhecimento e identificação, sendo ele um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório. Trata-se da construção do sujeito no discurso e poder colonial, articulada sob as formas da diferença (racial e sexual) e que busca fixar uma representação única sobre o corpo da população negra. Conforme observamos no fragmento a abaixo, o autor nos diz que:

[...] o estereótipo, que é sua principal estratégia discursiva, e uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que esta sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido... como se a duplicidade essencial do asiático ou a bestial liberdade sexual do africano, que não precisam de prova, não pudessem na verdade ser provados jamais no discurso. (BHABHA, 1998, p. 105).

Segundo Bhabha (1998), o estereótipo se torna uma forma de identificação que busca alienar os corpos dos sujeitos colonizados projetando sobre eles uma imagem objetificadora através do ato da repetição discursiva. Desse modo, a representação estereotipada trabalha no apagamento das semelhanças, no rompimento das identidades, culminando no enquadrando dos sujeitos em uma conjuntura que retira deles uma essência humana e os aproxima de meros objetos do mundo ao seu redor.

As heranças escravagistas deixaram marcas tão densas quanto às marcas de ferro nos seus corpos que as identificavam com as iniciais dos nomes da família que pertenciam. Durante séculos de escravidão, a perversidade do regime implantado se materializou na forma como o corpo negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais “sinais diacríticos” serviu

como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas.

Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo de cabelo) com os do branco europeu e colonizador que naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que permanecem até os dias atuais.

Nesse sentido, a alteridade é vista como algo negativo e essa ideia da diferença como uma força destrutiva e desagregadora. Pode-se afirmar que para considerar algo ou alguém diferente, deve-se partir de uma comparação com um padrão pré- estabelecido, norma ou expectativa cultural vigente de um determinado grupo. Quando a cultura define o que consiste o sucesso ou a perfeição, surge a discriminação e avaliação da cultura do outro vista como algo inferior.

Após a morte do senhor de escravo por uma doença que recai de maneira curiosa, Kehinde, seguindo ordens de sua Sinhá, muda-se para a cidade de São Salvador onde não somente será desenvolvida grande parte do enredo, mas onde fortes relatos sobre a história do Brasil se tornarão conhecidos pelo leitor.

Torna-se possível perceber que se trata de um escrito da protagonista somente depois de lidas algumas centenas de páginas do romance. Do mesmo modo, a certa altura da trama, torna-se explícito que o texto sobre o qual o leitor é levado a viver na verdade é endereçado a alguém de nome Omotunde.

A obra literária se apresenta como uma espécie de carta ou diário que a personagem se mune para supostamente reproduzir a história de sua vida, com a preocupação de não perder nenhum detalhe, para entregar ao filho perdido (que foi vendido pelo pai ainda criança) durante mais uma travessia do Atlântico vários anos mais tarde. As memórias de Kehinde tecem a escrita ao mesmo tempo em que a escrita tece as memórias de sua vida.

Em seu ensaio *Memória, esquecimento, silêncio*, Michael Pollak (1989) salienta a importância dos ditos e dos não-ditos para a construção de uma memória, seja ela coletiva ou individual. Ressaltando a importância de rastros significativos que uma pessoa, grupo ou uma nação vai deixando em suas experiências de vida e que se tornam pontos de referência para qualquer estudo histórico, o autor aponta que:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. (POLLAK, 1989, p. 6-7).

Há, nas memórias “clandestinas” de Kehinde, muito mais que a diferença entre

brancos e negros e que os paradoxos inerentes à sua própria identidade. (POLLAK, 1989, p. 5). Há uma tentativa de ruptura das fronteiras entre “o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável” contidas nas instituições de poder, que engendram determinados corpos sob estereótipos depreciativos, fazendo com que permaneçam submissos aos controles opressores dos sistemas de representação. (POLLAK, 1989, p. 6, 7).

A obra privilegia, com a narração em primeira pessoa, a temporalidade pulsante do itinerário da memória de Kehinde, marcada por experiências talvez constituídas no momento mesmo do ato de rememoração incitado pela escrita endereçada, possibilitando “reconhecer a que ponto o presente colore o passado”. (POLLAK, 1989, p. 6-7).

Dessa forma, as memórias produzidas por Kehinde tanto tecem o momento presente quanto problematizam vários *flashes* do passado da historiografia brasileira ao passo em que nos possibilita “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis [...]”. (POLLAK, 1989, p. 6, 7). A ação política desempenhada por essa ex-escravizada nos permite revisitar o deformado cenário colonial e escravocrata a partir da tinta fundida em sua pena.

A escritora permite a emersão dessas memórias subterrâneas através da voz enunciativa de sua personagem. O ato de desvozejar esses sujeitos submersos nos mais tenros silêncios da humanidade propicia uma ruptura com um sistema hierárquico que sempre buscou deixar à margem os sujeitos produtores de uma alteridade.

A problematização dos discursos produzidos por essa “memória oficial”, bem como a fragmentação que sofre as identidades da narradora que vão além das dicotomias: escravidão *versus* liberdade e vítima *versus* opressor, são temas de destaque na trama de Kehinde. São dualidades que se desmontam a cada página lida, como um tecido de tramas entrecruzadas que, ao ser tomado entre os dedos, mostra-se sem o avesso esperado. (POLLAK, 1989, p. 4).

Desse modo, ao produzir suas memórias, Kehinde possibilita que sejam desprendidas do interior das senzalas, tanto lembranças que colocam face a face os discursos hegemônicos e os subalternizados quanto à produção de singularidades que lhe permitem conectar-se e (re) conectar-se com a sua ancestralidade negro-africana, conforme ler-se em Oliveira (2007).

A respeito dessa possibilidade de retorno às raízes africanas, Eduardo Oliveira (2007) no livro *Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira* compreende ancestralidade como “conceito-chave para uma epistemologia que interpreta seu próprio regime de significados a partir do território que produz seus signos de cultura”. (OLIVEIRA, 2007, p.3).

Para o autor, o ritmo do corpo-vida passa a ser conduzido pela ontologia do

movimento que se permite observar as marcas deixadas nas areias das relações/encontros enquanto trilha o seu caminho em direção ao agora, de modo a possibilitar que, memória, história e ancestralidade negro-africana, nesse sentido, possam atuar em comunhão como fios de sangue a suturar e cingir o tempo-espaço dos antepassados a partir dos desvios e desatinos que acompanham a trajetória de Kehinde.

Portanto, para subscrever tais recordações, faz-se necessário permitir que a personagem seja lançada por meio do viés historiográfico, à desconstrução do mito que se prende às narrativas oficiais por meio das semióticas neutralizadoras das alteridades e, conseqüentemente, revisite a sua ancestralidade negro-africana a partir da experiência e contato com as pegadas deixadas pelos seus antepassados.

3 | SUBSCREVENDO AS MEMÓRIAS ENCLAUSURADAS

Maybe, se eu tivesse ficado trabalhando apenas na casa-grande e morando na senzala pequena, não teria sabido realmente nada sobre a escravidão e minha vida não teria tomado o rumo que tomou. (GONÇALVES, 2014, p. 111).

A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou ainda o que ele representa como passadas.

Entretanto, atuando como um conjunto de procedimentos que permite ao indivíduo manipular e compreender o mundo tendo em conta o contexto e as experiências individuais que o rodeia, ela entra em cena como um importante dispositivo de controle que evoca de forma excludente a dominação sobre os corpos e suas reminiscências.

As recordações presentes no discurso de Kehinde se afastam das compilações dos fatos que ocuparam maior visibilidade na memória dos homens. Nesse sentido, memória e história se afastam porque em geral, a história só pode exercer seu domínio neutralizante e pacificador a partir do momento em que termina uma tradição, no instante em que consegue produzir uma ruptura no curso natural das lembranças. Enquanto subsistir memórias que celebrem a presença viva dos seus ancestrais e que desconstroem o discurso que está posto será inútil tentar fixar a história dentro de um curso retilíneo e homogêneo.

A escritora possibilita que as lembranças de Kehinde contrastem com o roteiro da história nacional brasileira para o qual ela não foi convidada a fazer parte. As nuances contidas em suas lembranças provocam uma enfurecida disparidade para com o discurso que nos fora apresentado desde muito cedo. A ausência de melhorias

ao término da escravidão fez com que muitos negros, por não encontrarem trabalho na capital, fossem “mendigar pelas ruas ou roubar” para sobreviverem. (GONÇALVES, 2014, p. 423).

Diante desses procedimentos de dominação a narradora procurou reconstruir em um panorâmico painel fictício, historiograficamente marcado por grande parte da história oficial do Brasil e com alusões à de outros lugares ao colocar que “eram esses pobres-diabos que também engrossavam as revoltas, miseráveis que os organizadores mandavam na frente porque não fariam falta se morressem”. (GONÇALVES, 2014, p. 423). Desse modo a literatura retrabalha pela ficção criativa aquilo que se sabe da realidade dos negros, mas transformado por um trabalho estético que nos dá uma perspectiva diferente do real conhecido.

Retornando ao que Pollak (1989) observa:

A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. **Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum**, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência. (POLLAK, 1989, p. 7. **Grifos nossos**).

Agindo de tal maneira, a memória irá possibilitar a criação de mecanismos que irão corroborar com a perpetuação de certos discursos, pois “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade”. (POLLAK, 1989, p. 7). Dentro de uma ideia da construção de uma nação, a memória é solicitada para legitimar certas narrativas que darão sequência a essa ficcionalização, tendo na contra mão o silenciamento das memórias que destoaram desse projeto oficial.

Essa narrativa de característica ambivalente se apropria de um discurso de unificação dos povos para consolidar exclusões e silenciamentos, tendo em mente um único objetivo “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum”. (POLLAK, 1989, p. 7). A partir do momento em que ela instaura uma homogeneidade, automaticamente surge um padrão que irá nortear toda a criação de sentidos dessa estrutura de poder cultural, pois passará a fornecer “um quadro de referências e de pontos de referência”. (POLLAK, 1989, p. 7).

Entretanto, essa uniformidade não passa de uma ficcionalização orquestrada pelas conjunturas hierárquicas que manipulam as ações dos sistemas de representação. O fluxo retilíneo da historiografia brasileira começa a dar sinais de cansaço. As memórias que foram enclausuradas (impedidas de circular) podem, através de Kehinde, manifestar-se contra um historicismo que sempre buscou deslegitimar a circulação de discursos capazes de abalar as estruturas implantadas

pelas elites hegemônicas.

4 | REDARGUIR A HISTÓRIA OFICIAL

A Esméria parou na frente dele e me chamou, disse para eu fechar os olhos e imaginar como eu era, com o que me parecia, e depois podia abrir os olhos e o espelho me diria se o que eu tinha imaginado era verdade ou mentira. (GONÇALVES, 2014, p. 85).

O fluxo histórico sempre buscou favorecer a circulação dos discursos produzidos pelos grandes heróis. Daqueles sujeitos que detiveram o poder para fixar seu nome nas datas comemorativas mais importantes de um calendário nacional. No caso brasileiro temos: o lendário Pedro Alvarez Cabral no tão celebrado descobrimento das terras do Brasil; o célebre Dom Pedro no seu “grito do Ipiranga”; o mártir Joaquim José da Silva Xavier, vulgo Tiradentes. Todos eles estão vinculados à historiografia brasileira como verdadeiros heróis e seus nomes circulam pelo patrimônio genético cultural da nação.

Entretanto, revisitar as bases hegemônicas da historiografia brasileira a partir das memórias de Kehinde nos permite resgatar os capítulos usurpados pela indecência de um fluxo histórico que sempre privilegiou as narrativas dos grandes feitos. Sempre colocando tinta, pena e papel nas mãos daqueles que atendessem aos seus interesses e que corroborassem com a expansão dos seus dogmas eurocêntricos. A autora nos permite reeditar algumas das cenas contidas em nosso imaginário, a partir do fragmento abaixo:

[...] Nós não víamos a hora de desembarcar também, mas, disseram que antes teríamos que esperar um padre que viria nos batizar, para que não pisássemos em terras do Brasil com a alma pagã. Eu não sabia o que era alma pagã, mas já tinha sido batizada em África, já tinha recebido um nome e não queria trocá-lo, como tinham feito com os homens. Em terras do Brasil, eles tanto deveriam usar os novos nomes, de brancos, como louvar os deuses dos brancos, o que eu me negava a aceitar, pois tinha ouvido os conselhos da minha avó. (GONÇALVES, 2014, p. 63).

As religiões de matriz africana, “em terras do Brasil”, foram historicamente vítimas de estereótipos, preconceito, discriminação e repressão. Desde o período Colonial as práticas ritualísticas e de cultos foram demonizadas pelos jesuítas, julgadas como feitiçaria e/ou bruxaria, culminando na proibição do rito religioso pelo Estado Português. A demonização das religiões de matrizes africanas ou afro-brasileiras surge como estratégia de manutenção dos interesses econômicos, políticos e religiosos. (GONÇALVES, 2014, p. 63).

Enquanto a Coroa Portuguesa defendia a escravidão para manter seus negócios e lucrar com a venda de escravos, a Igreja defendia a escravização por

interesses em expandir o catolicismo por meio da conversão dos africanos e seus descendentes a fé cristã, a partir de rituais “como louvar os deuses dos brancos”. (GONÇALVES, 2014, p. 63). No Império, associada à prática criminosa, o Candomblé continua sendo alvo de perseguição policial sendo comum a ação de invasão aos Terreiros para apreensão e destruição dos objetos e prisão dos adeptos, sobretudo de seus líderes.

Desse modo, a intolerância religiosa produziu um apagamento das identidades africanas ao impedir que “pisássemos em terras do Brasil com a alma pagã”. (GONÇALVES, 2014, p. 63). Entretanto, toda essa tentativa de silenciar as memórias da população negra é rasurada por Kehinde, pois ela se “negava a aceitar”, melhor dizendo, a sua reconexão com a sua ancestralidade negro-africana impediu que ocorresse a deportação de suas histórias e memórias. (GONÇALVES, 2014, p. 63).

Porém, todo esse jogo anacrônico só é possível porque aceitamos que outra narrativa atue como protagonista da cena. A criação de novos métodos para encarar o “historicismo” brasileiro, nos possibilita enxergar as imperfeições e as irregularidades do discurso oficial de modo a possibilitar a construção de um contra discurso que gere uma desestabilidade das bases hegemônicas.

É sobre essa chave de leitura que Benjamin (1987) em seu texto *Um conceito de História* nos convida a revisitar as vozes silenciadas pelo terrorismo histórico, que enclausurou preconceituosamente as memórias dos sujeitos marcados com o signo da alteridade. Escovar a história a “contrapelo” nos permite revisitar os corpos mutilados e encarcerados pelo prisma da discordância, possibilitando a emersão dos discursos dissonantes silenciados pela produção da narrativa oficial, conforme lemos na voz do autor:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. (BENJAMIN, 1987, p. 224).

Suturar um único fio discursivo na memória histórica de uma nação é um procedimento muito cruel. “Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso”. (BENJAMIN, 1987, p. 224). A disseminação de uma “história única” permite a criação de espaços de representação que forjam sujeitos dentro de padrões pré-estabelecidos pela marca do estereótipo que carregam em seus corpos.

Impedidas de circular pela presença opressora das narrativas oficiais,

as memórias de uma ex-escravizada que se materializam no encontro com a ancestralidade justaposta em papel, pena e tinta, nos fornecem não apenas uma ruptura com histórias que são inseridas em nossas lembranças, mas encontro com um novo mundo, com novos cenários, com novos atores, pois, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. (BENJAMIN, 1987, p. 224).

A emersão de uma obra como *Um defeito de cor*, nos faz refletir sobre o processo de resistência dos escravizados em defesa de sua identidade ao longo dos séculos. O fato de a narrativa estar a cargo de uma voz periférica questiona e desnuda todos artifícios da História oficial.

Dessa forma, esse contra discurso literário encontrado na trama, questiona e subverte os discursos hegemônicos a partir do momento em que observamos a história por uma via alternativa, constatando as irregularidades presentes nas narrativas oficiais.

Kehinde surge para preencher os vazios deixados pelo discurso histórico oficial e, ao preencher esses vazios, ela acaba suturando junto ao corpo ancestral um movimento de retorno às raízes negras que possibilitam trazer para a cena não apenas pegadas na areia esquecidas e relegadas ao passado, mas, uma reconexão com a presença viva dos seus antepassados. Desse modo, a fratura provocada pelo seu discurso rompe com o projeto de homogeneidade do Ocidente que sempre se pretendeu como um todo coerente e coeso, revelando assim as suas abstrações e contradições.

5 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A obra literária *Um defeito de cor* trouxe a possibilidade de destacar a cor da pele como um elemento importante para o processo de construção das fronteiras raciais que imperam no Brasil desde o início do século XVII. A elaboração discursiva registrada na narrativa realiza um trajeto histórico itinerante que rompe com o enclausuramento das memórias seculares impedidas de circularem pelo discurso oficial, ao passo em que permite uma reconexão com a ancestralidade negro-africana, conforme se observa em Oliveira (2007).

Assim, as memórias e as histórias de um Brasil que guardam resquícios de outros desdobramentos que não sejam os oficiais, vivenciam as mazelas oriundas das produções de alteridade, pois, onde existirem silêncios e invisibilizações a violência física e simbólica, perpetradas pelo colonialismo, se farão presentes por meio das cicatrizes.

Em resposta, Kehinde se põe a revisitar essas cicatrizes para produzir, não só

uma rasura no fluxo linear da historiografia brasileira, mas acima de tudo, propor uma descaracterização do discurso hegemônico sobre os corpos da população negra por meio do retorno às raízes africanas, pois, “[...] mesmo quando adotei o nome de Luísa por ser conveniente, era como Kehinde que eu me apresentava ao sagrado e ao secreto”. (GONÇALVES, 2014, p. 73).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre um conceito de história; In: **Magia e ética, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3.ed. Brasiliense, 1987, p- 222 – 232.

BHABHA, Homi. A outra: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo; In: **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p- 105- 149.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 285-315.

GONÇALVES, **Ana Maria**. **Um defeito de cor**. 10.ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**.7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 9, 15, 16, 384, 387

Aparecido alves machado 173, 174, 179, 180, 181, 182, 190, 191

Aprendizagem 19, 20, 21, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 75, 76, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 96, 98, 99, 100, 105, 108, 109, 114, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 150, 155, 158, 159, 160, 270, 274, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 294, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 314, 315, 349, 350, 355, 358, 359, 360, 361, 362, 363

C

Cinderelas do campo 173, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 184, 190, 191, 192

Compreensão oral 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84

Comunicação 25, 28, 32, 46, 47, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 77, 78, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 91, 94, 96, 97, 105, 106, 122, 125, 143, 144, 149, 157, 160, 161, 180, 272, 273, 274, 277, 288, 293, 295, 299, 306, 309, 337, 339, 340, 342, 347, 348, 376, 378, 398

Conhecimento 2, 7, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 41, 48, 49, 51, 54, 55, 65, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 80, 82, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 117, 118, 121, 123, 137, 151, 152, 159, 164, 166, 167, 169, 211, 223, 247, 254, 268, 269, 273, 274, 275, 278, 279, 280, 281, 298, 303, 304, 306, 311, 313, 314, 316, 317, 319, 321, 324, 328, 329, 331, 333, 334, 337, 343, 344, 345, 347, 351, 352, 360, 387

Corpo 13, 113, 136, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 203, 219, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 235, 237, 239, 278, 280, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 351, 355, 356, 357, 358, 361, 368

Currículo 17, 33, 37, 68, 69, 71, 72, 115, 117, 118, 121, 125, 232, 303, 351, 360

D

Discurso 8, 9, 10, 15, 16, 17, 27, 33, 39, 45, 78, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 115, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 142, 154, 158, 213, 216, 217, 219, 221, 222, 223, 226, 227, 229, 230, 231, 251, 254, 266, 283, 286, 292, 297, 335, 344, 347, 364, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 384, 385, 386, 387, 388, 391, 392, 393, 394, 397, 398

E

Encontro 36, 37, 45, 49, 53, 54, 83, 92, 101, 134, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 219, 230, 263, 274, 284, 290, 294, 297, 298, 316, 325, 326, 335, 337, 344, 348

Ensino de gramática 43, 44, 45, 46, 47, 63, 89

Ensino de língua 21, 23, 28, 30, 45, 48, 63, 66, 68, 73, 85, 119, 122, 123, 124, 127

Ensino de línguas 31, 33, 35, 36, 41, 74, 87, 88, 89, 119, 120, 125

Estratégias didático 17, 18, 22

Ética 88, 125, 126, 150, 157, 159, 162, 231, 261

F

Formação continuada de professores 41, 117

Formação do professor 31, 126

G

Gêneros textuais 26, 43, 44, 47, 50, 63, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 123

I

Indígena 193, 194, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 358

L

Letramentos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 40, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Linguagem jornalística 9

Língua inglesa 1, 6, 7, 8, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 74, 75, 76, 81, 83, 84, 126, 139, 364

Língua portuguesa 4, 8, 9, 15, 16, 17, 18, 38, 44, 45, 47, 48, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 101, 102, 105, 107, 122, 124, 127, 128, 148, 149, 205, 217, 222, 364, 399

Língua portuguesa para surdos 73

Línguas estrangeiras 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 74, 75, 118, 247

Linguística aplicada 18, 32, 41, 97, 100, 102, 103, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 127

Literatura 5, 6, 18, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64, 94, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 115, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 142, 144, 146, 148, 149, 163, 164, 165, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 188, 190, 191, 192, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 227, 231, 233, 241, 247, 248, 252, 257, 258, 259, 262, 265, 266, 267, 269, 338, 364, 367, 368, 378, 379, 382, 384

Literatura de cordel 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64

Literatura sul-mato-grossense 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 191, 192

Lugar das línguas 1

M

Mapuche 193, 194, 197, 198, 201, 202, 204, 205

Monitoria de língua portuguesa 93

Moodle 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84

Mulher 112, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 209, 239, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 288, 289, 290, 291, 332, 333, 334

Multimodalidade 31, 32, 33, 34, 35, 37, 41

O

O cortiço 112, 115, 163, 164, 165, 167, 168, 171, 172

Oralidade 24, 28, 29, 37, 40, 51, 54, 85, 86, 87, 89, 90, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 211, 213, 276, 277

P

Pedagógicas 17, 18, 22, 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 78, 84, 85, 87, 92, 93, 121, 155, 157, 158, 159, 332, 334

Perspectiva bilíngue 65, 66, 72

Podcast 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Poesia 49, 50, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 147, 148, 149, 165, 173, 177, 180, 188, 190, 207, 213, 216, 260, 299, 374

Política 1, 6, 7, 8, 88, 114, 120, 121, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 169, 177, 183, 187, 191, 201, 212, 215, 225, 231, 242, 250, 261, 266, 286, 292, 326, 329, 345, 348, 365, 366, 372, 375, 376, 377, 381, 385, 390, 392

Política linguística 1, 7, 8

Práticas pedagógicas 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 121

Professores de língua materna 17

Proficiência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 21, 80, 103

R

Representação feminina 163, 168

Romantismo 133, 135, 136, 144, 145, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188, 190, 191, 192, 213, 241, 259, 260, 261, 262, 267, 269

S

Sequência didática 43, 44, 49, 51, 52, 54, 55, 64, 85, 90

Simão Dias 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Subalternidade 193, 201, 212, 374

Subordinação 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204

T

Tecnologias digitais de informação 85

V

Videoclipe musical 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

 **Atena**
Editora

2 0 2 0